

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues. A cor da escola: imagens da Primeira República. Cuiabá: EDUFMT/Entrelinhas, 2008.

Lúcia Maria de Assunção Barbosa¹



A cor da escola: imagens da Primeira República, de Maria Lúcia Rodrigues Muller², é um livro que, tal como propõe o título, expõe 54 fotografias de estudantes e professores negros com o objetivo de mostrar a presença desses docentes em escolas públicas dos estados do Rio de Janeiro e de Mato Grosso, no período de 1889 a 1930.

O prefácio vem assinado pela Profa. Dra. Iolanda de Oliveira, da Universidade Federal Fluminense. As partes denominadas *Professores* e *Alunos* constituem os dois grandes eixos da obra. A primeira subdivide-se em nove subtítulos: *Quem são os brasileiros?*, *Os obstáculos na obtenção do reconhecimento intelectual*, *A solução*

1 Doutora em Linguística Aplicada e professora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: <lubarbo@ufscar.br>.

2 Doutora em Educação pela UFRJ, professora dos cursos de graduação (pedagogia) e do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Coordenadora do Núcleo de Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE) da UFMT. É também Proponente, fundadora e membro do GT Afro-brasileiros e Educação da ANPED.

do branqueamento; A “cor” dos professores do Distrito Federal – requerimentos de inscrição em concursos; Professor Hemeterio José dos Santos; Professora Otilia Leite Kravisc; A pregação eugenista; A misoginia e a erotização do corpo negro; a negação do corpo negro. A segunda parte – *Alunos* – com um número menor de fotos – não contém subdivisões. As páginas 110 e 111 do livro finalizam com uma lista diversificada de *Referências* que inclui os títulos mais importantes no que concerne tanto à fotografia quanto ao tema do livro.

Ao prefaciar a obra, Iolanda Oliveira retoma os estudos feitos por Todorov no livro *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*, para fazer uma apreciação crítica e necessária da trajetória da teoria racista europeia no Brasil. O objetivo de Oliveira é desvendar como essas “[...]” posições de teóricos franceses [...] respaldaram o pensamento de intelectuais brasileiros e, conseqüentemente, as medidas políticas para promover o desaparecimento das populações negra e indígena, no período considerado pela autora desta obra.”

Na *Introdução*, Lúcia Müller apresenta suas motivações para a busca e o tratamento desse acervo, as dificuldades, os sustos e as alegrias que encontrou no percurso da pesquisa. A autora também situa o lugar que o livro ocupa no conjunto de sua obra. Segundo ela, trata-se de uma *continuação e síntese* de trabalhos que já vinha desenvolvendo na sua carreira acadêmica. A pesquisadora descreve o *caminho das pedras* percorrido desde 1998, quando iniciou a coletar as fotografias que compõem o livro, obtidas em acervos do Rio de Janeiro e de Mato Grosso. As imagens são acompanhadas de um texto porque, segundo Müller, “[...] na nossa sociedade parece ser tão natural a ausência do negro em funções de maior destaque social que procurei juntar texto e imagem, um explicando o outro.” (p. 23).

No capítulo *Professores*, a autora ressalta, dentre outros aspectos, o papel fundamental que a escola primária brasileira exerceu na construção da identidade e do sentimento nacional, sobretudo no que se refere à *afirmação dos símbolos pátrios, à execução dos rituais cívicos, assim como à difusão dos mitos de origem e dos heróis a serem reverenciados e imitados [...]*. Nas subdivisões que se seguem, a leitura é guiada por discussões, indagações e também por indicações de pistas em torno da ascensão social e profissional de negros e mestiços instruídos após a abolição.

Trata-se de um conjunto de fotos que falam por si e reafirmam, na minha lembrança, o que preconiza Barthes, no livro *A câmara clara* (1984), ao dizer que: “O importante é que a foto possui uma força constativa, e que o constativo da Fotografia incide, não sobre o objeto, mas sobre o tempo.” (p. 132). Müller suscita em nós, leitores, inúmeras vontades e inclinações imediatas para novas indagações e investigações. Uma delas é relativa à origem e também às ausências de sobrenomes da população não-branca: “Naqueles documentos que tinham registrados os nomes dos avós maternos e paternos, é freqüente encontrar-se, pelo menos, uma das avós

sem o sobrenome. Seriam elas ex-cativas? [...] durante a pesquisa descobri que Silva, Santos, Nascimento e Conceição, por exemplo, eram sobrenomes de pessoas negras brasileiras ou africanas.” A leitura de trechos como esse instaura em nós, de forma súbita e inevitável, um desejo (e uma necessidade) de repensar sobre esse dado histórico, até agora também pleno de nebulosas interrogações.

Recorro a Barthes, mais uma vez, para ressaltar que “[...] a imagem fotográfica é plena; lotada, não tem vaga, a ela não se pode acrescentar nada.” (p. 133), porque é essa a impressão que vai se reafirmando quando seguimos a obra, (entre)vido as fotos que se alternam com as explicitações da autora nas subdivisões *A misoginia e a erotização do corpo negro* e *A negação do corpo negro*. Na fruição dessa leitura, imagens e texto evidenciam, pouco a pouco, o que Müller descortina, ao dizer: “[...] apresentei uma série de informações e fotografias que demonstram a existência de uma parcela de professores não-brancos no magistério do Rio de Janeiro e de Mato Grosso. No entanto, esses professores parecem desaparecer conforme vamos avançando para o final da década de 20.” (p. 86). Trata-se da constatação de uma realidade que, embora não mais surpreenda, ainda instiga, conforme observa: “O magistério carioca, e possivelmente o brasileiro, passou décadas sendo reserva de mercado apenas de professores brancos. [...] É branco o magistério, como de resto são brancos praticamente todos os setores da elite brasileira.” (p.87).

O último conjunto de fotos e de textos denominado *Alunos* revela-se como um ato de resistência negra que se repete há séculos no Brasil, pois aí se constata que “As fotografias que seguem demonstram a presença de alunos negros nas escolas do Rio de Janeiro e de Mato Grosso, demonstrando o esforço das famílias em prover instrução para seus filhos.” Constatações presumidas pelo olhar fixo nas imagens. No entanto, nunca será inútil dizer o que está congelado nessas fotos, no tempo e na história delas.

Para finalizar, retomo as palavras de Barthes que, ao se referir à fotografia, diz: “Imóvel, a Fotografia refluí da apresentação para a retenção.” (p. 134). Nessa perspectiva, as contribuições do livro, inclusive nas indagações feitas pela autora, fluem ora para transpor barreiras extrínsecas ou intrínsecas a nós, seus leitores, ora para, no mínimo, fazer com que nos desvencilhemos delas.

Por essas razões, o livro, além de necessário para o nosso entendimento do que aconteceu no passado recente com referência à escola e às relações étnico-raciais, vêm ao encontro de nossa sensibilidade, de nosso afeto e da urgência da captura destas e de outras histórias que a educação brasileira ainda tem a nos contar.